

A tradução de uma cultura¹

Juliana Passamani²

Patrícia Maurício³

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Este artigo trata do trabalho dos correspondentes internacionais através do estudo de caso da atuação de três jornalistas de jornal e televisão. Foram feitas entrevistas semi-abertas via Skype com as jornalistas para entender as condições de produção de notícias e as questões profissionais. A metodologia utilizada na formulação das perguntas e na análise se baseou na teoria do *newsmaking*, na visão de contexto e dialogismo de Bakhtin e em bibliografia sobre o tema. Concluímos que os correspondentes têm que se relacionar com o isolamento e com a necessidade de traduzir não apenas idiomas, mas um outro contexto e cultura, e, para conseguir este objetivo, ele não pode perder o contato com a cultura e acontecimentos do seu país.

Palavras-chave

Correspondentes internacionais; produção de notícias; questões profissionais; discurso jornalístico.

Introdução

Os correspondentes internacionais se deparam, eventualmente, com impasses socioculturais no processo de apuração e redação de reportagens. O distanciamento do país de origem e a imersão na cultura estrangeira requerem foco, dinamismo e recorte específico dos assuntos em pauta, visando transmitir as informações de relevância para o cenário social, político e econômico no qual está inserido seu público. Além disso, o domínio de um idioma estrangeiro se torna um desafio no momento de traduzir uma palavra ou expressão que trazem consigo um significado de entendimento exclusivo àquela cultura. Em países com idioma considerado exótico para nós, brasileiros, nem sempre o jornalista consegue fazer uma entrevista complexa com escassos conhecimentos da língua. Nestes casos, é necessário o uso de um intérprete.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Formanda de Graduação em Jornalismo do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: julianapzg@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio, e-mail: patriciamauricio@puc-rio.br.

O objetivo deste trabalho é comparar a história de três correspondentes internacionais, moradoras de diferentes países, no que diz respeito às dificuldades e à adaptação à nação estrangeira, sua relação com os habitantes e costumes locais, a interação através do segundo idioma (ou, até mesmo, um terceiro idioma, já que o inglês também é usado na comunicação em diversos países) e a rotina de trabalho. Com base nestas informações, será possível identificar os principais desafios que elas enfrentam para traduzir o contexto social estrangeiro aos olhos e ouvidos de seus conterrâneos.

Como metodologia, escolhemos partir de entrevistas semi-abertas, com perguntas iniciais que interessavam à pesquisa, aprofundadas, e com novas perguntas surgindo a partir das respostas (DUARTE, 2014). Foram entrevistadas duas correspondentes internacionais e uma que deixou de ser correspondente recentemente. As jornalistas entrevistadas foram Flávia Barbosa, correspondente do jornal O Globo em Washington; Daniela Kresch, correspondente da Folha de São Paulo em Israel e que, no momento da entrevista, trabalhava para O Globo e para o canal de TV paga GloboNews; e Cláudia Sarmiento, ex-correspondente de O Globo em Tóquio e Moscou.

O contato se deu via conversa por vídeo através do Skype, em abril de 2015. A escolha das entrevistadas surgiu a partir da busca por correspondentes brasileiros com vasta experiência na área e que estivessem posicionados em cidades de relevância econômica, política e social no mundo, sendo possivelmente submetidos a coberturas de risco, hábitos culturais distintos e grandes pautas. A preferência pela conversa em vídeo se justifica pela impossibilidade de estar em presença física diante das entrevistadas, considerando que não moram ou vêm frequentemente ao Brasil. Além disso, a riqueza de detalhes do relato contado através de vídeo se revelou superior ao contato escrito, feito através de troca de mensagens eletrônicas. Na análise da entrevista, utilizamos o método de agrupar os temas por categorias, ou “caixas”, conforme Duarte (2014, p. 78).

Para fundamentar a análise, utilizamos a *teoria do newsmaking* (TUCHMAN, 1980) e também o dialogismo, proposto pelo teórico russo Mikhail Bakhtin. Para ele, tudo o que acontece, acontece em diálogo. No nosso caso, há o diálogo do correspondente com os entrevistados e a cultura local, e seu diálogo com o leitor ou espectador em potencial, tudo dentro de um contexto – o contexto do país retratado dialogando com o contexto do país de origem do veículo de comunicação para o qual o correspondente trabalha.

Considerando o contexto bakhtiniano que norteia o trabalho, questionamos as entrevistadas acerca de características não só da vida profissional, como da pessoal.

Procuramos entender como são o dia-a-dia, as relações familiares e o histórico profissional para analisar a maneira pela qual os desafios de estar em outra sociedade afetam/influenciam o trabalho de correspondente. Além disso, nos baseamos em obras de estudiosos do tema e jornalistas internacionais, como os ex-correspondentes Carlos Eduardo Lins da Silva, Fritz Utzeri e Jorge Pontual.

Esta pesquisa se justifica devido ao crescente fluxo de informações a nível global, seja em plataformas audiovisuais ou impressas. Neste contexto, os grandes veículos midiáticos e seus respectivos jornalistas produtores de notícia possuem função chave na compreensão pública acerca de questões e acontecimentos mundiais. O correspondente internacional trabalha, portanto, como mediador, apurando, entrevistando e redigindo informações que serão uma referência do que acontece em algum lugar do mundo para alguém que está longe fisicamente e que não pode, portanto, tirar conclusões por conta própria sem tal mediação.

1 - Correspondente internacional x cultura estrangeira

1.1 O Correspondente internacional

Em época de globalização e acontecimentos transmitidos em tempo real, os correspondentes internacionais têm especial relevância no que diz respeito ao fluxo de informações que circula pelos grandes meios de comunicação mundiais. O pesquisador Carlos Eduardo Lins da Silva, correspondente internacional brasileiro entre as décadas de 1970 e 1990 para os Diários Associados e para a Folha de São Paulo, acredita que “os relatos destes profissionais sobre diversos países ajudam a formar a consciência do mundo nas pessoas que não viajam muito para o exterior, mas são afetadas pela globalização de qualquer modo” (2011, p. 9).

Dadas as condições atuais de crise financeira no jornalismo impresso, em que jornais não mais sustentam escritórios internacionais espalhados pelo mundo todo, o correspondente costuma trabalhar em casa. Claudia Sarmiento, ex-correspondente do jornal O Globo em Tóquio, no Japão, trabalhava com o orçamento apertado porque o jornal não tinha condições de sustentar um escritório no outro lado do mundo⁴.

Exercer as tarefas profissionais de casa pode parecer tentador e cômodo. No entanto, para Flávia Barbosa, correspondente do jornal O Globo em Washington, nos Estados

⁴ Entrevista concedida a Juliana Passamani pela jornalista Claudia Sarmiento via skype em 20/04/2015.

Unidos, o isolamento é um dos desafios de sua profissão, ainda mais para quem sempre teve apego às relações que se estabelecem e à dinâmica de trabalho nas redações de jornal: “Mesmo quando trabalhei em sucursal e o centro de decisão era no Rio, o contato era através de uma linha telefônica de ramal, era mais direto”⁵.

Os correspondentes internacionais sempre tiveram sua função associada a certo glamour. Viagens internacionais, encontros com personalidades conhecidas mundialmente, luxos e presentes são itens presentes no imaginário leigo sobre a profissão. Flávia reforça a ideia de que não há glamour na correspondência internacional, especialmente nos EUA, onde o Brasil se enquadra em assuntos de importância periférica. Na verdade, o jornalismo internacional por si só inclui desafios que não existem na rotina do jornalista que trabalha em seu próprio país.

A prática do jornalismo no exterior, de fato, amplifica as características e os problemas da profissão e, por isso, entre outras razões, ela merece atenção e estudo, que, paradoxalmente, são raros na literatura específica. A correspondência internacional é a mais cara de todas as funções do jornalista. A que dá mais dificuldades para os editores (porque estes estão distantes do local dos fatos e não conseguem exercer o mesmo tipo de controle que têm sobre os repórteres locais) e exige de quem se propõe a praticá-la traços de personalidade e formação intelectual nem sempre necessários em coberturas em seu próprio país (LINS DA SILVA, 2011, p. 11).

Quanto à rotina, ela não existe. Daniela Kresch trabalha em função dos projetos em que está envolvida no momento⁶. A jornalista, contudo, não possui contrato fixo com nenhum dos meios de comunicação citados acima e se enquadra na categoria de *freelancer*. Estes profissionais são autônomos e produzem material de acordo com a demanda de seus contratantes. Grande parte dos jornalistas internacionais atualmente trabalha desta forma. Daniela recebia remuneração fixa da Globo News (para um volume de produção mensal pré-determinado) e por matéria enviada para O Globo. Flávia, ao contrário de Daniela, tem carteira assinada. Em relação à rotina, se pudesse, diz que trabalharia 24 horas por dia: “Ainda mais que eu gosto de trabalhar de noite”. Lins da Silva resume com precisão a relação que os correspondentes estabelecem com o trabalho em casa: “A fronteira entre o emprego e o lar se elimina. Ele ou ela está na ativa o tempo todo” (2011, p. 106). Fritz Utzeri, correspondente em Nova Iorque e Paris para o Jornal do Brasil nos anos 80, já descrevia em 1989, no seu artigo “Do outro lado do mundo”, a maneira mais livre pela qual

⁵ Entrevista concedida a Juliana Passamani pela jornalista Flávia Barbosa via Skype em 07/04/2015

⁶ Entrevista concedida a Juliana Passamani pela jornalista Daniela Kresch via Skype em 13/04/2015. No momento, a jornalista trabalhava para o jornal O Globo e GloboNews, mas posteriormente se transferiu para a Folha de São Paulo.

estes profissionais produzem: “O correspondente trabalha no século XXI. Em casa, com um computador na sua frente, ele passa a matéria direto para o jornal” (1989, p. 145).

O fuso horário é outro fator que dificulta ainda mais os prazos já curtos com os quais jornalistas têm que trabalhar. Daniela está seis horas na frente do Brasil e **tinha** que estar de plantão para a GloboNews o tempo todo: “Eles me ligam e falam que daqui a duas horas precisam de mim ao vivo para falar de alguma coisa. Tenho que estar atendida com o que está acontecendo”. Claudia, que trabalhava com 12 horas de diferença do jornal quando morava em Tóquio, se sentia ainda mais solitária no contexto de trabalhar de casa.

O avanço da tecnologia nos últimos 20 anos teve significativo impacto na rotina dos correspondentes internacionais. A transmissão de imagens, principalmente as produzidas por aparatos eletrônicos portáteis, passou a exigir que o correspondente assumisse função de cinegrafista, fotógrafo, âncora, apresentador, etc. Não só Daniela - que trabalhava para um canal audiovisual - produz conteúdo desta origem. Flávia tem o compromisso de enviar um vídeo semanal para o Blog dos Correspondentes, na versão digital do jornal O Globo. A convergência de mídias faz com que estes profissionais tenham de se reinventar para adequar o material que produzem para todas as mídias.

1.2 Choque cultural: outro contexto

As diferenças culturais impactam diretamente na maneira de produção do material. O contato com as fontes, o idioma, o comportamento das pessoas e as interações políticas, econômicas e sociais do novo país têm que ser explorados a fim de garantir ao profissional um ambiente mais cômodo. Daniela garante que o maior problema na ida para outra nação é o choque cultural. Mesmo sendo de família judia, tendo frequentado um dos mais tradicionais colégios judaicos no Rio de Janeiro, morando em Tel Aviv desde 2003 e casada com um israelense, a jornalista diz que o estranhamento causado pelas diferenças socioculturais são diários. Segundo ela, os israelenses costumam ter um comportamento mais direto e rude, em contraposição ao jeito descontraído pelo qual o carioca é conhecido.

Chamam os israelenses de sabra, que é uma fruta israelense que não tem no Brasil. É uma espécie de fruta-do-conde: com espinhos por fora, só que, por dentro, um sabor super doce. Os israelenses são assim: do lado de fora, espinhosos, difíceis. Mas quando eles se abrem, são doces. Eles mesmo se denominam assim. É o contrário do carioca, que é doce por fora, mas que, quando você entra em sua vida, é cheio de espinhos⁷.

⁷ KRESCH, idem.

A adaptação de Claudia foi em dobro, já que a jornalista teve que se ajustar à cultura russa e, posteriormente, à japonesa. Para ela, no entanto, a palavra correta para descrever os primeiros momentos nos países estrangeiros não é “choque”, já que as realidades são tão distintas que se torna impossível fazer qualquer comparação: “São outros mundos. Rússia e Japão são planetas diferentes do Brasil”. O primeiro obstáculo foi o idioma, por se tratarem de línguas de difícil domínio. Quando foi para Tóquio já tinha mais de 40 anos, havia passado por cargos como de editora-chefe e era mãe de uma menina. As prioridades giravam em torno da família: “Tive a dificuldade de me adaptar ao trabalho, que sempre foi muito importante para mim, nunca quis abrir mão. Mas tive que pensar na família também”. Claudia revela que sua experiência na cidade serviu para quebrar estereótipos e compreender a sociedade japonesa. Para ela, a reação da população japonesa às tragédias de 2011 foi um momento marcante em sua carreira.

Vimos ali dois lados do Japão: a reação da população de uma maneira muito digna, não teve saque ou nada parecido e, do outro lado, a política japonesa cheia de problemas como em todos os lugares do mundo. Naquele momento, eu falei “quero entender melhor esse país”, e eu acho que eu tive a chance de não ficar vendo só superficialmente. O superficial é o Japão exótico; o que nós enxergamos à primeira vista como estrangeiro é o garoto de cabelo maluco. Com a chance de ficar mais tempo, eu consegui ver mais profundamente e aí eu acho que você, como jornalista, rende melhor⁸.

Fritz Utzeri, ao chegar a Nova Iorque em 1982 para assumir seu novo cargo, também teve que tomar algumas providências, como ir ao *Foreign Press Center* e à polícia para tirar sua credencial, arranjar um apartamento, descobrir quem eram os correspondentes dos outros jornais, começar a conhecer as pessoas, pôr as crianças na escola: “a agenda em branco leva um certo tempo para se encher” (1989, p. 149).

Flávia já tinha visitado os Estados Unidos antes de receber a missão de ir para o país, em 2011. Além disso, já havia feito mestrado em Desenvolvimento Social e Econômico em Londres. A experiência que carregava pelas viagens ao exterior não amenizou o baque do início. Quando chegou à cidade, O Globo havia acabado de fechar seu escritório local, juntamente com outros meios de comunicação latino-americanos. A distância da redação e o trabalho solitário agravaram o estranhamento.

⁸ SARMENTO, idem.

Mesmo você sendo uma pessoa ligada em história, com um conhecimento, seja um leitor de internacional, é muito diferente você ter contato assim, de longe. Eu nunca tinha vivido nos Estados Unidos também, então, para mim, dobrou essa novidade⁹.

Apesar de experimentarem a outra nação na prática, ou seja, no cotidiano profissional e pessoal vivido no outro país, é desejável que os correspondentes tenham noção prévia da sociedade na qual se estão inserindo. Denise Britto (2004) estabelece que outro conhecimento tão relevante para estes profissionais quanto o domínio da língua estrangeira é o repertório cultural referente àquele país em que vive.

1.3 A língua estrangeira

O domínio de um idioma estrangeiro para o correspondente internacional é fundamental. Não necessariamente a língua local do país em que trabalha será falada fluentemente pelo jornalista, como no caso de Claudia Sarmiento, cujos conhecimentos do japonês se limitavam ao básico para conseguir ir ao mercado ou fazer uma chamada telefônica curta, por exemplo. O inglês, porém, acaba sendo necessário por se tratar de um idioma global, amplamente conhecido ao redor do mundo. A jornalista Fernanda Esteves descreve como o inglês auxilia o trabalho do correspondente:

É necessário que o jornalista fale pelo menos uma língua estrangeira, o inglês de preferência. Nas áreas empresariais e científicas, é comum surgirem entrevistas em língua estrangeira. Ainda que o entrevistado seja alemão, é provável que fale inglês, e a comunicação fica mais fácil. Quando é uma entrevista coletiva, geralmente há um intérprete. No sufoco de uma entrevista repentina, melhor lembrar rapidinho de palavras básicas para formular pelo menos uma ou duas perguntas (ESTEVES, 1990, p. 221).

A língua inglesa apresenta características gramaticais mais simples do que o português e pode ser considerada de fácil aprendizado. No entanto, ao desembarcar nos Estados Unidos para viver sua primeira experiência como jornalista em outro país, Utzeri se surpreendeu com a dificuldade que teve na compreensão do idioma.

Eu fui para os Estados Unidos e para a França e ninguém jamais me perguntou sequer se eu falava a língua. Até achei que falava. Quando cheguei aos Estados Unidos, tomei um susto quando liguei a televisão. Havia uma crise no ar e eu não estava entendendo nada do que a televisão dizia. Entrei em pânico, achei que não ia passar de uma semana (UTZERI, 1989, p. 145).

⁹ BARBOSA, idem.

Já Flávia Barbosa garante que até raciocina melhor em certos temas em inglês, dado que algumas das expressões técnicas usadas, como nos processos legislativos e judiciários americanos, não possuem um equivalente no português. No entanto, apesar de lidar diariamente com a língua, as diferenças regionais de sotaque nos Estados Unidos ainda podem dificultar o entendimento: “Não sendo uma *american native speaker*, alguns entrevistados se tornam mais difíceis, como os de sotaque carregado do Sul”, completou a jornalista, que misturava termos em inglês frequentemente durante a entrevista, feita em português. Outra dificuldade que Flávia enfrenta no uso da língua estrangeira diz respeito ao nível de profundidade exigido para determinados assuntos:

Fiquei pensando nisso que você disse de falar e pensar em inglês fluente, da coisa estar normal. Assim, realmente, está. A minha vida é muito tranquila conversada, falada e pensada em inglês. Mas, ainda hoje, para determinados temas, eu faço um roteiro de perguntas antes de uma entrevista, com medo de me faltar coerência e coesão na hora. Às vezes, fico com medo, sobretudo em temas que eu não domino, de me faltar a capacidade de expressar em inglês uma linha de raciocínio ou uma argumentação. Aí, preciso fazer um roteiro, porque uma coisa é você argumentar numa língua que você se sinta mais seguro e outra é fazê-lo no idioma estrangeiro. O inglês, por mais que seja natural, vai ser sempre minha segunda língua. Não tenho uma *full capacity* para falar¹⁰.

Britto mostra, através de conversa com a jornalista Patrícia Poeta, que os desafios de Flávia ao usar o inglês no âmbito profissional são comuns a outros correspondentes. Tendo atuado como correspondente em Nova Iorque para a Rede Globo entre 2002 e 2005, Poeta confirma a dificuldade.

Fazer uma entrevista ou cobrir um importante pronunciamento em outra língua exige muito do repórter. Falar inglês, por exemplo, em viagens de férias ou em bate-papos com amigos é uma coisa. Traduzir o discurso do presidente ou entrevistar o Secretário de Defesa é bem diferente. A tradução tem que ser fiel e ao mesmo tempo o repórter precisa ficar atento para expressões que só fazem sentido na língua original (BRITTO, 2004, p. 8).

No caso de Daniela Kresch, que estuda e vive o hebraico desde criança, a adaptação ao idioma não foi menos difícil. Como se trata de uma língua criada há cerca de cinco mil anos, quando o conceito de vogais ainda não existia, a jornalista lida com um alfabeto diferente e complexo: “Em hebraico, não escrevemos os sons de A, E, I O e U”, completa. Por isso, apesar de ter aprendido alfabeto hebraico aos seis anos de idade, Daniela teve dificuldades quando chegou ao país pela primeira vez, aos 17 anos, para um intercâmbio

¹⁰ BARBOSA, *idem*.

escolar. Quanto à tradução das informações que apura em hebraico e passa para o português, ela explica que “existem muitas palavras que são impossíveis de serem traduzidas”. Além disso, segundo a jornalista, alguns vocábulos, termos e expressões carregam um significado que é comum apenas para os integrantes da cultura à qual o idioma se insere. A palavra “saudade”, exclusiva ao português, é um exemplo.

Se você as traduz, elas podem dar uma noção errada, em termos culturais, do que os israelenses querem dizer. Claro que qualquer língua é um reflexo da cultura daquele lugar. Aprender hebraico não é só aprender hebraico, seco. Não é só aprender a escrever e ler as palavras. É você entender o que quer dizer essa palavra pros israelenses. Como é que soa para eles, qual é o lugar dessa palavra na cultura¹¹.

Diferentemente das colegas de profissão mencionadas acima, Claudia Sarmiento não dominava o idioma local dos países onde trabalhou como correspondente internacional. No entanto, precisava se comunicar em outro idioma que, no caso, era o inglês. Como afirma Lins da Silva, falar apenas a língua-mãe não é suficiente para o trabalho do correspondente: “Ele (ou ela) precisa dominar perfeitamente pelo menos outra língua além da materna” (2011, p. 11). Tanto em Moscou quanto em Tóquio, os principais jornais locais contavam com versão em inglês de seus exemplares. Para Claudia, a riqueza de detalhes destes periódicos não era igual à versão na língua nativa, mas serviam como base. Para viabilizar seu trabalho, em casos nos quais o inglês não lhe servisse, a jornalista contava com o apoio de intérpretes.

A NHK, televisão pública japonesa, tem edição em inglês. Então, eu ia quebrando o galho no inglês. Mas tem coisas que não tem jeito, é só com intérprete mesmo. Hoje em dia, ainda tem o problema do custo, pagar um intérprete é mais um custo para a redação. Dependendo da matéria, a redação te fala que não tem orçamento para o tradutor¹².

É evidente que o correspondente internacional precisa ter tamanho conhecimento de um segundo idioma – o inglês, de preferência – que o permita circular por todos os âmbitos de outra sociedade. A fluência, o vocabulário tanto em temas informais quanto nos formais, a boa escrita, a capacidade de reconhecer expressões locais e não se deixar enganar pelos falsos cognatos (ou falsos amigos) são apenas algumas das características quanto ao domínio da língua estrangeira que permitem que o jornalista internacional tenha maior independência para executar suas tarefas.

¹¹ KRESCH, idem.

¹² SARMENTO, idem.

Considerando que a língua é uma das principais instâncias comunicativas a reger, integrar e ordenar a sociedade, e que o lado social (o coletivo) não deve ser analisado independentemente do lado individual (o falante), fica evidente a relação da linguagem com os costumes, valores e ideais que, unidos, compõem a esfera cultural de qualquer sociedade. A perpetuação de costumes, a expressão de valores e a própria inclusão em um grupo social pressupõem a existência de uma instância responsável pela interação entre indivíduos – a comunicativa (SANTOS e GOROVITZ, 2013, p. 3).

1.4 Selecionando a pauta

Nesta parte de seu trabalho, o de selecionar a pauta, o jornalista recorta a realidade que vê e vive. Britto ressalta que, para trazer um diferencial a sua matéria, é indispensável entender aspectos internos do país.

Estratégias geopolíticas, posicionamentos do governo, conflitos políticos internos, condições econômicas, características da população quanto à religião, raça e cultura podem garantir a um comentário, tal como a uma reportagem internacional, um diferencial de informações, para que o conhecimento do jornalista seja compartilhado com o do telespectador e este tenha um enriquecimento de dados (BRITTO, 2004, p. 11).

O resultado final acaba sendo responsável por parte da imagem que todo um país tem sobre a vida no lugar onde se situa este profissional. Nas palavras de Utzeri, “o essencial é transmitir para as pessoas que estão lendo como é o país onde o correspondente está baseado” (1989, p. 145). Na missão de encontrar uma pauta interessante para propor ao editor-chefe, o jornalista tem uma solução:

No meu caso particular, como repórter de geral, sempre achei que, quando não há um grande assunto — quando não se está cobrindo uma eleição, uma guerra ou uma crise política —, é melhor simplesmente sair pela cidade. Sempre aconselho aos repórteres que não fiquem na redação, porque há coisas interessantes acontecendo na rua, e ele tem que estar de olho aberto, à procura de uma novidade. Um simples passeio por Nova York ou Paris permite praticamente esbarrar em pautas na rua. (UTZERI, 1989, p. 146).

Flávia Barbosa, inserida desde 2011 na cultura estadunidense, já consegue identificar o que é considerado um tema relevante para a sociedade americana nos âmbitos comportamental, econômico e político: “Você pensa ‘ah, isso aqui é um *big deal!*’”. Porém, na hora de eleger quais destes assuntos vai contar para seu leitor brasileiro, a jornalista garante que, pelo treinamento da profissão, automaticamente já sabe o que tem ou não importância para o Brasil. Usando como referência a teoria do dialogismo de Bakhtin, pode-se afirmar que Flávia e todos os correspondentes internacionais se aproximam do

contexto em que seus interlocutores vivem, para possibilitar uma comunicação de igual para igual. É desta forma que os correspondentes vão atuando como *gatekeepers*, selecionando o que será ou não reportado.

Alguns assuntos domésticos de temática social estão em alta desde que cheguei aqui. Um deles é a desigualdade social, tema que já trabalhei muito para a economia e que dialoga bem com a realidade que o brasileiro conhece muito bem, meu leitor vai se identificar¹³.

Claudia acredita que não vale a pena reportar para o Brasil assuntos políticos internos, como brigas partidárias, pois apenas a imprensa local japonesa se interessa por esta pauta. Mas a jornalista enfatiza o interesse dos brasileiros pela cultura japonesa, tanto o pop, mangás e animês, quanto por temas como a moda e o design. Apesar das pautas habituais girarem em torno destes temas, a jornalista buscava ir além do usual.

Tem muita coisa do *Japão Bizarro*, as bizarrices japonesas. Eu tentei evitar, ao longo do tempo que eu passei lá, cair nessa coisa do “Japão da maluquice”. Eu fiz um pouco dessas matérias dos jovens de cabelo colorido, não tem como não fazer, mas depois de um tempo, fiquei um pouco cansada disso. Tem muito isso, do Japão exótico, o Japão que a gente não entende direito. Depois que eu fui entendendo melhor o país, eu achei que esse não era o verdadeiro retrato dele¹⁴.

Britto confirma o exposto por Claudia ao propor que um dos diferenciais que o correspondente traz para a notícia é, justamente, o fato de que ele tem a oportunidade de viver suas pautas e analisá-las através de um olhar distante de estrangeiro.

O correspondente, por ser estrangeiro, consegue “enxergar” aspectos do cotidiano que, talvez, um repórter do próprio país não valorize, mas que são ricos em informações e perfeitamente adequados a um telejornalismo mais variado (BRITTO, 2004, p. 12).

Para melhor esclarecer os acontecimentos de Israel para seus leitores, Daniela faz questão de contextualizar tudo que escreve. Segundo a correspondente, a tradução que faz para seus textos não só envolve o idioma, como também a cultura: “Se eu for traduzir exatamente o que palestino me disse, o que o israelense me disse, ninguém vai entender no Brasil”. A jornalista mencionou dois exemplos. O primeiro foi quando usou o termo “Palestina de 67” e teve que explicar que tal expressão se refere às fronteiras da linha

¹³ BARBOSA, idem.

¹⁴ SARMENTO, idem.

verde¹⁵ que existiam até um dia antes da guerra de 1967: “Aqui, na cabeça deles, já está tudo tão claro, que eles não falam mais isso, nem me explicam o que é. Eu tenho que traduzir não só o que eles falam em termos de língua, mas o que eles querem dizer”. O segundo exemplo é que, em Israel, os termos “palestino israelense” e “árabe israelense” têm o mesmo significado. Mas, para o Brasil, Daniela sempre explica que palestino é o cidadão que mora na Palestina e o árabe israelense é o que mora em Israel.

Lins da Silva reforça o entrosamento que o jornalista internacional precisa ter com a sociedade e costumes do país onde vive: “É claro que o correspondente precisa entender a psique do país onde está. Isso o ajuda a avaliar corretamente os acontecimentos e prever com mais acuidade seus desdobramentos” (2011, p. 33). Contudo, o jornalista também aponta para um cuidado que deve ser tomado. Depois de anos de adaptação à nação estrangeira, existe a possibilidade de o correspondente viver tão intensamente a outra cultura a ponto de se afastar da visão de seu público.

1.5 Entrevistas

Correspondentes internacionais precisam saber lidar com um comportamento diferente durante as entrevistas e com a dificuldade de acesso a figuras importantes – principalmente quando se trabalha em uma nação na qual seu país de origem não ocupa posição de destaque nos temas em pauta.

Lembro numa das entrevistas coletivas do Reagan, por exemplo, que era o próprio presidente que escolhia quem fazia as perguntas. Ele começava: “Helen Thomas, da UPI” — que era, e ainda é, a decana do corpo de imprensa de Washington e invariavelmente fazia a primeira e a última perguntas — “Fulano de Tal da AP”, “Sicrano do *New York Times*”, “Beltrano do *Washington Post*” e assim por diante. O *Pravda*, certamente, se tivesse alguma pergunta para fazer, faria. O resto, nós, o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, nunca tínhamos chance. A única oportunidade de nos aproximarmos de uma figura assim era se, por acaso, ela visitasse o Brasil (UTZERI, 1989, p. 148).

O jornalista Jorge Pontual passou a chefiar o escritório da Rede Globo em Nova Iorque nos anos 90 e participou de importantes coberturas, como a queda do *World Trade Center* e a Guerra no Iraque. Ele confirma que o repórter brasileiro nos Estados Unidos

¹⁵ Nome dado à linha de fronteira entre Israel e países vizinhos, definida no Armistício israelo-árabe de 1949. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_Verde_\(Israel\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_Verde_(Israel)). Acesso em 15/06/2015.

“tem grande dificuldade para conseguir boas entrevistas, exatamente porque para a maioria das pessoas o Brasil não é um mercado que interesse” (2005, p. 193).

Como exposto em 1.2, Daniela ainda se assusta com a forma direta e mais grosseira dos israelenses. Ela relata que se surpreende ao escutar entrevistas dos colegas de profissão de Israel pela forma como as perguntas são feitas, inclusive tratando autoridades pelo apelido: “Seja o primeiro ministro, o chefe do Estado Maior das Forças Armadas, é uma informalidade muito grande em relação ao Brasil. Eles encaram as entrevistas como uma maneira de perguntar as perguntas mais difíceis mesmo”.

Daniela passa por outro dilema quando se trata de entrevistas: “Um grande problema que eu tenho é sobre se entrevistar alguém em inglês ou em hebraico”. Em inglês, a jornalista garante que seus entrevistados respondem com a cabeça direcionada para fornecer informações a um público externo e que isto, talvez, faça com as respostas saiam de maneira diferente de como seriam no idioma nativo. No entanto, para entrevistar palestinos, a preferência é pela língua inglesa, uma vez que, se forem antagonistas a Israel, o hebraico pode fazer com que a mágoa que o palestino sente pelo país se traduza em suas respostas e seu comportamento não seja o mais cordial: “Ele vai falar de uma maneira como se estivesse falando com um israelense, o qual considera um opressor”. Entretanto, para fazer perguntas a israelenses, ela prefere o hebraico. Assim, a jornalista reforça o proposto por Bakhtin: ela entende o contexto do entrevistado e se posiciona da melhor forma para ser aceita e fazer uma entrevista com mais proximidade.

Claudia Sarmiento passou pela experiência oposta durante o período em que trabalhou em Tóquio. Na capital japonesa, existe uma maneira muito própria de se fazer perguntas: “Se trata de uma sociedade muito cheia de regras, rituais. Não é um lugar onde você pode fazer perguntas diretas. Você tem que dar uma volta para perguntar determinada coisa”. Segundo a jornalista, uma pergunta muito objetiva pode assustar e distanciar o entrevistado. Quando trabalhava com intérpretes, Claudia enunciava a pergunta da maneira objetiva como estava acostumada a fazer, fosse em inglês ou português – o idioma que usava dependia da nacionalidade do intérprete. Ao observar a comunicação entre o tradutor e seu entrevistado, sentia que o primeiro “dava uma volta” para chegar ao ponto exato da questão que pretendia saber: “Ele não estava fazendo isso por mal, e sim porque essa é a maneira de se comunicar no Japão. Mas me dava uma aflição, porque eu achava que a resposta não iria vir direta como eu estava esperando”.

Considerações finais

As experiências relatadas pelas três profissionais deixam claro que a profissão de correspondente internacional inclui muitos desafios – assim como elas, os autores citados já concordavam em seus textos com todos estes impasses. O objetivo do trabalho não foi apenas mencionar as complicações, mas consistiu em analisá-las sob a perspectiva das diferenças socioculturais e todas as responsabilidades envolvidas com o ato de repassar informações de um país para outro.

Primeiro obstáculo mencionado, o choque cultural se dá, principalmente, na chegada dos correspondentes a outra nação. O isolamento, tanto da redação quanto da pátria-mãe, pode contribuir para um sentimento de solidão. No entanto, o estranhamento e a falta de empatia com determinados costumes de outra sociedade podem continuar ocorrendo mesmo após anos de moradia no país. Daniela, criada em família judia e casada com um israelense, ainda se impressiona, ocasionalmente, com o comportamento mais grosseiro que presencia em Tel Aviv.

Após a exposição das experiências particulares dos jornalistas (tanto os entrevistados quanto os citados), fica evidente a necessidade que os correspondentes internacionais têm de um segundo idioma. Mesmo que vivam em um país onde a língua falada seja a mesma (Brasil e Portugal, por exemplo), as pautas internacionais englobam acontecimentos mundiais e, em algum momento, será necessário do correspondente o uso de um idioma amplamente falado, como o inglês. O entendimento das expressões idiomáticas e o bom-senso para saber quando usar cada termo também provaram ser essenciais. Finalmente, a tradução das informações para a língua de origem exige esforço e adaptações para tornar o texto mais próximo e compreensível do público leitor/espectador/ouvinte. Para alcançar um nível de conforto com a língua estrangeira, faz-se necessária a imersão na sociedade onde está. Selecionar a pauta, o terceiro desafio listado dos correspondentes, requer justamente tal aprofundamento. Além disso, o profissional deve permanecer conectado com os acontecimentos de seu país de origem para não perder de vista quais são os interesses e preocupações de seu público.

Em relação à prática das entrevistas, ato tão comum no processo de apuração jornalística, quando atuavam como repórteres no próprio país, as jornalistas entrevistadas já sabiam a forma mais adequada de interagir com o entrevistado e, ao mesmo tempo, as reações já eram esperadas. Contudo, no exterior, elaborar um roteiro prévio de perguntas,

entrevistar em determinada língua para se aproximar do interlocutor e usar o serviço de intérpretes são alguns dos recursos aos quais correspondentes internacionais recorrem para facilitar uma entrevista.

Concluimos que a produção jornalística, quando feita na condição de correspondente internacional, é agravada por diversos fatores que a vida no exterior implica. Algumas das definições da palavra “tradução” são significação; interpretação; explicação¹⁶. Esta é a missão destes profissionais: o correspondente decodifica os significados de uma sociedade para outra; interpreta valores locais para facilitar seu aprofundamento na cultura estrangeira; e, por fim, explica de forma clara para seu público fatos que ocorrem a milhares de quilômetros de distância.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J. e BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. – 7. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2014.

Da SILVA, C. E. L. **Correspondente internacional**. São Paulo: Contexto, 2011.

UTZERI, F. **Do outro lado do mundo**. In: RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C.J. M. de; *Imprensa ao vivo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

PONTUAL, J. O Correspondente Internacional. In: **No próximo bloco...** O jornalismo brasileiro na TV e na internet. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005.

BRITTO, D. F. **O papel do correspondente internacional na editoria exterior**. Belo Horizonte: 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004.

ESTEVES, F. **Desculpem nossa falha**. São Paulo: Record, 1990.

SANTOS, M. T. M. e GOROVITZ, S. **Cultura e tradução jornalística: uma abordagem teórica**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

TUCHMAN, G. **Making news**. New York: The Free Press, 1980.

¹⁶ Disponível em <http://dicionariodoaurelio.com/traducao>. Acesso em 18/06/2015.